



## DIOCESE DE BEJA

Celebra a Festa dos 250 anos da sua Restauração



Encontra-se a decorrer, nos dias 7, 8 e 9 de Julho, o Tríduo preparatório da festa dos 250 anos, tendo como figuras inspiradoras os Apóstolos S. Pedro, S. Paulo e S. João Evangelista.

No dia 10 de julho, sexta-feira, completam-se 250 anos sobre a data do *Breve Agrum Universalis Ecclesiae*, do Papa Bento XIV, que restaurou a diocese de Beja. Este dia será celebrado tendo em conta os condicionamentos impostos pela pandemia. Assim, das 10h00 às 12h30, no Centro Pastoral Diocesano, reunirá o *Conselho Presbiteral*. Às 12h30, Hora Intermédia na Igreja do Seminário, para todos os Padres e Diáconos, seguindo-se o almoço e

convívio.

Às 15h00, no Seminário, o professor Jacinto Guerreiro apresentará uma conferência acerca do *entendimento do sacerdócio ministerial e da prática pastoral de D. António Xavier Monteiro*, fundador do Seminário no séc. XIX. Às 17h.30m. terá início na Igreja Catedral, a Missa Crismal. Nesta celebração, além da renovação das promessas sacerdotais, próprias do dia da Ordenação, será *consagrado o Santo Óleo do Crisma e benzidos os Óleos dos Catecúmenos e dos Enfermos*. No dia 12 de julho, domingo, a celebração da Eucaristia, na Sé, às 11h30, será sobretudo para os fiéis leigos festejarem com o bispo a

efeméride dos 250 anos.

Nas celebrações de Sexta-Feira e Domingo, o senhor Bispo dará a **Bênção Papal**, com *Indulgência Plenária* para todos aqueles que estiverem capazes de a lucrar. As condições habituais para receber a indulgência plenária são a confissão e absolvição individual, a comunhão eucarística e a oração pelas intenções do Santo Padre. Aqueles que reúnam as necessárias condições e, não podendo estar presentes nas celebrações, as acompanhem pelos meios digitais disponíveis (Facebook), com espírito de fé e oração, também poderão lucrar a referida indulgência plenária.

## VILA NOVA DE MILFONTES CELEBROU AS BODAS DE PRATA SACERDOTAIS DO SEU PÁROCO

### Missa de Ação de Graças

No dia 04 de julho, pelas 18.00 horas, na Igreja Nova de Vila Nova de Milfontes, teve início a *Missa de Ação de Graças* pelos 25 anos de vida sacerdotal, do Pe João Paulo dos Santos Bernardino, Pároco de Milfontes. Esta Eucaristia, presidida por D. João Marcos, Bispo de Beja, contou com a participação de alguns membros do clero, principalmente Diáconos, bem como dos familiares (pais, irmãs, sobrinhos e primos) e amigos do Pe. João Paulo Bernardino, oriundos principalmente das Paróquias de Alvito, Vila Nova da Baronia, Vila Nova de Milfontes e do Vicariato Paroquial de Longueira/Almograve. Apesar deste acontecimento ocorrer na tarde de Sábado, marcou presença o Pároco do Freixial, Concelho do Fundão, Paróquia da naturalidade do Pe. João Paulo Bernardino.

Antes da Bênção final, o Pe. João Paulo Bernardino fez uma pequena síntese do seu percurso como servidor do povo de Deus e agradeceu a presença da comunidade cristã, dos familiares e amigos nesta celebração comemorativa dos seus 25 anos de sacerdócio ministerial.

No final, os familiares e amigos presentes conviveram fraternalmente numa refeição preparada e servida no refeitório do Instituto de Nossa Senhora de Fátima.



## Pergunte. Nós respondemos.

“É pecado preocupar-se com o corpo? E poderei doar os meus órgãos quando morrer” indaga hoje um leitor aflito com os cuidados a ter com a saúde. Procuremos, pois, tranquilizar o nosso leitor e outros que, porventura, se coloquem questões semelhantes. O respeito pelo próprio corpo é uma exigência da caridade, pois o corpo é templo do Espírito Santo (cf. 1 Cor 6, 19; 3, 16 seg.; 2 Cor 6, 16), e somos responsáveis – no que de nós depende – por procurar a saúde corporal, que é um meio para servir a Deus e os homens. Mas a vida corporal não é um valor absoluto: a moral cristã opõe-se à concepção neopagã que promove o culto do corpo, e que pode conduzir à perversão das relações humanas (cf. Catecismo, 2289).

Por outro lado, «a virtude da temperança leva a evitar toda a espécie de excessos, o abuso da comida, da bebida, do tabaco e dos medicamentos. Aqueles que, em estado de embriaguez ou por gosto imoderado da velocidade, põem em risco a segurança dos

outros e a sua própria, nas estradas, no mar ou no ar, tornam-se gravemente culpados» (Catecismo, 2290). Também o uso de estupefacientes é uma falta grave pelos danos que causa à saúde e pela fuga à responsabilidade pelos atos praticados sob a sua influência. A produção clandestina e o tráfico de drogas são práticas imorais (cf. Catecismo, 2291).

Posto isto, não podemos fugir às múltiplas experiências médico-científicas que se desenvolvem no mundo moderno. A investigação científica não pode legitimar atos que em si mesmos são contrários à dignidade das pessoas e à lei moral. Nenhum ser humano pode ser tratado como meio para o progresso da ciência (cf. Catecismo, 2295). Atentam contra este princípio as práticas como a procriação artificial substitutiva ou o uso de embriões com fins experimentais.

Quanto à segunda parte da questão, a doação de órgãos para transplante é legítima e pode ser um ato de caridade, se a doação é plenamente livre e gratuita (Cf.

São João Paulo II, Discurso, 22-VI-1991, 3; Catecismo, 2301), e se respeita a ordem da justiça e da caridade. «Uma pessoa só pode doar alguma coisa de que se possa privar sem perigo sério ou dano para a sua própria vida ou identidade pessoal, e por uma razão justa e proporcionada. É óbvio que os órgãos vitais só podem ser doados depois da morte». É preciso que o doador ou os seus representantes tenham dado de forma consciente o seu consentimento (cfr. Catecismo, 2296). Esta doação, «embora seja legítima em si mesma, pode chegar a ser ilícita, se viola os direitos e sentimentos de terceiros aos quais compete a tutela do cadáver: os parentes próximos em primeiro lugar, mas poderia mesmo tratar-se de outras pessoas em virtude de direitos públicos ou privados (PIO XII, Discurso à Associação Italiana de doadores de córnea, 14-V-1956).

perguntasNB@gmail.com

Pe. Paulo Godinho

## Solidariedade: Mais de 100 bispos católicos assinam manifesto para impedir os abusos cometidos pelas empresas

Um grupo de mais de 100 bispos de vários países, incluindo Portugal, assinou uma petição dirigida à presidência alemã do Conselho da União Europeia, denunciando as violações aos Direitos Humanos no comércio internacional.

“Agora mais do que nunca, precisamos de uma due diligence obrigatória na cadeia de abastecimento para travar os abusos das empresas e garantir a solidariedade global”, assinala o documento, enviado hoje à Agência ECCLESIA pela Fundação Fé e Cooperação (FEC), organismo da Conferência Episcopal Portuguesa.

A petição exige medidas para evitar riscos de violação dos Direitos Humanos e de contaminação do ambiente, reparando as situações negativas que se venham a verificar, direta ou indiretamente, pela ação das empresas.

De acordo com os bispos, as economias devem seguir os valores da dignidade e da justiça e respeitar os direitos das pessoas e do meio ambiente.

Entre os signatários estão D. António Marto, cardeal, bispo de

Leiria-Fátima; D. Manuel Linda, bispo do Porto; D. Armando Esteves Domingues, bispo auxiliar do Porto; e D. António Vitalino Dantas, bispo emérito de Beja.

Segundo a petição os abusos cometidos pelas empresas são “recorrentes” e a crise da Covid-19 agravou a situação, “especialmente nas comunidades mais vulneráveis, que não beneficiam de nenhuma proteção social”.

“Esta pandemia expôs a nossa interdependência e semeou o caos nas cadeias de abastecimento globais que ligam fábricas cruzando fronteiras, expondo a nossa dependência de mão-de-obra vulnerável que realiza um trabalho essencial em todo o mundo”, refere a declaração.

A Declaração dos Bispos foi assinada por líderes da Igreja de países como a Índia, Myanmar, Uganda e Colômbia, “onde as comunidades foram afetadas pelas ações irresponsáveis das empresas transnacionais”.

Ao mesmo tempo, muitos bispos da Europa (Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Luxemburgo, Portugal, Suíça, Holanda)

também subscreveram a Declaração, enviando uma “forte mensagem à Europa para que assuma a sua responsabilidade”. Josianne Gauthier, secretária-geral da CIDSE, rede internacional de organizações católicas para a justiça social, da qual a FEC é membro, elogia o facto de “ver tantos representantes da Igreja a falar a uma só voz sobre a questão da regulamentação das empresas, apoiando o trabalho de muitas mulheres e homens, muitos deles parceiros da CIDSE, cuja vida é dedicada à defesa dos direitos humanos e ambientais”.

“Estamos todos interligados e é nosso dever apoiá-los na sua luta de todas as formas possíveis”, acrescenta.

A Declaração dos Bispos permanecerá aberta para recolher mais assinaturas, especialmente no contexto da próxima ronda de negociações, nas Nações Unidas, para a construção de um Instrumento Legalmente Vinculativo sobre Empresas e Direitos Humanos, que entra este ano na sua sexta sessão, informa a FEC.

### Editorial



António Novais Pereira, Diretor

### Tempo de avaliar

«Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? ... e vós, quem dizeis que Eu sou?» (Mt 16, 13.15).

Tal como nas outras áreas, também na nossa atividade pastoral não devemos prescindir da avaliação regular, como modo de nos auto e hetero-criticarmos sobre o que fazemos, o modo como não a atingir os objetivos que nos propomos alcançar.

O tempo presente, sujeito a contínuas e imprevisíveis transformações, pede que, com regularidade, paremos com a intensa atividade, a fim de reflectirmos sobre o modo como orientamos a atividade pastoral, não esquecendo o cuidado que devemos a nós próprios e ao nosso ensino ou ministério (cf. 1 Tim. 4,16).

Porém, antes de mais, convém estabelecer as linhas ou fronteiras do que pretendemos avaliar ou, o mesmo é dizer, do que mais valorizamos. Neste campo, uma das tentações é fixarmo-nos nos números para as estatísticas: números das missas celebradas, das exéquias a que presidimos, dos batismos, primeiras comunhões, crismas e casamentos realizados nas Paróquias que nos estão confiadas, número de famílias ajudadas

(economicamente) ou visitadas, etc. Outros, podem cair na tentação de avaliar as capacidades oratórias, facilmente tornadas visíveis pelo número daqueles que se reúnem à sua volta, em determinados acontecimentos.

Por sua vez, outros haverá que preferem centrar-se nas dificuldades que encontram para anunciar o evangelho, de modo que os homens o possam escutar, compreender e provocar a adesão a Jesus Cristo, entrando num caminho de iniciação cristã que levará à afirmação livre, consciente e comprometida: «Eu sou cristão» e vivo feliz permanecendo na comunidade cristã.

Sabemos que, também na atividade pastoral, a organização e administração do tempo exige uma verdadeira disciplina, dadas as muitas solicitações. A carga horária a que muitos nos submetemos não é comparável a nenhum outro executivo, sabendo nós que, estando continuamente sobre a pressão da opinião pública, dela não nos devemos tornar escravos.

Apesar das esperadas e merecidas férias, é desejável a avaliação pastoral, nestes tempos incertos quanto ao futuro próximo. Julgo que estes tempos de COVID, nos convidam a refletir seriamente sobre a nossa prática pastoral e principalmente, na perspectiva da evangelização.

## O nosso Domingo

# Felizes os vossos ouvidos porque ouvem!

*D. João Marcos, Bispo de Beja*

1 – Há em todos nós curiosidade por ver e ouvir novidades que tornem a nossa vida menos monótona e cinzenta. Nos nossos dias, essa ânsia corre a par da velocidade a que as notícias se vão sucedendo nos jornais, televisões e internet e se tornam, por breves instantes, o centro das nossas atenções. Até mesmo um assunto tão consistente como a atual pandemia que há meses domina todos os noticiários exige, para se manter «no ar», que se encontrem ou inventem novos dados e surtos, novos heróis, responsáveis ou culpados, novas explicações e possíveis novos tratamentos médicos. De outro modo, nem o desejo da cura conseguiria concentrar a nossa atenção, desviada por tantas outras coisas menos importantes. Ora, é da coisa verdadeiramente importante e essencial, «a única necessária» (Lc 10, 42), que o Senhor Jesus Cristo diz hoje, aos seus discípulos e a todos nós, estas palavras:

Felizes os vossos olhos porque veem e os vossos ouvidos porque ouvem! Em verdade vos digo: muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes e não viram e ouvir o que vós ouvís e não ouviram!

2 – Esta revelação que Cristo faz acerca da nossa felicidade, acerca desta graça que temos de escutar o Evangelho, vem no contexto da parábola do semeador, quando os discípulos lhe pedem uma explicação para aquelas palavras simples mas eni-

gmáticas. Essa primeira das parábolas, Jesus contou-a logo após se começar a manifestar, por parte de alguns escribas e fariseus, a estranheza, o desprezo e a rejeição em relação às palavras e obras do Senhor, incredulidade resumida nestas palavras: «Ele não expulsa os demónios senão por Belzebu, chefe dos demónios» (Mt 12,24).

Ao explicar a parábola, o Senhor diz-nos que todos nós corremos o risco de não receber de coração puro e aberto, nem guardar dentro do coração aquilo que Ele nos revela. Há quanto tempo ouvimos a sua Palavra e vemos em nossas vidas os seus dons de amor, perdão e reconciliação? Quantas vezes o Senhor veio ao nosso encontro, em momentos de crise e sofrimento, de dúvida e angústia, para nos fazer levantar os olhos e ajudar a ver o seu poder, para nos tirar da tristeza e nos fazer entrar na alegria de quem se reconhece amado por Ele? Então porque continuamos a viver assim, neste *deixa andar*?

Mas será que compreendemos realmente qual é a missão da Palavra de Deus na nossa vida? Estamos realmente dispostos a escutar a mensagem de Deus que nos situa corretamente na vida presente, mas a caminho do Céu, ou filtramo-la de modo a que nos diga aquilo que humanamente nos convém?

3 – Como escutamos a Palavra? Que espécie de terreno somos nós para a semente da Palavra divina? Se estás a ler este texto com interesse, irmão, não creio que sejas a terra batida do caminho incapaz de receber a

semente, e também, humildemente me parece, que não somos a terra fecunda que acolhe a semente sem obstáculos e dificuldades e a faz produzir com abundância. Restam-nos a terra pedregosa, e a terra onde a semente cresce no meio de espinhos. São terras que recebem a semente com alegria, mas que não podem dar-lhe condições para criar o grão. A primeira, pela superficialidade; a segunda, pela falta de discernimento. Quais são as pedras que impedem a semente da Palavra de Deus de aprofundar, de crescer e de frutificar no teu coração? E porque será que cultivas no mesmo terreno coisas tão díspares como a Palavra de Deus e os cardos? Receber a Palavra de Deus com fé é abrir-lhe o nosso coração sem defesas, acreditando no poder que ela tem para o transformar. É também dar-lhe o primeiro lugar, de modo que possa lutar contra os cardos e espinhos que lhe roubam o espaço.

Estou convencido, irmãos, que a superficialidade e a falta de discernimento são os grandes inimigos que nos impedem de escutar a Palavra que ouvimos. Por isso vos desafio, queridos irmãos, a escutardes e a guardardes a Palavra que no próximo Domingo vai ser proclamada na Igreja, tal como a Virgem Santíssima a escutou no seu *coração nobre e generoso*. Ela é a imagem da *terra boa*, que acolheu a Palavra do Anjo e a deu ao mundo feita carne. Ela é quem nos ajuda a experimentar como é verdadeira esta bênção: *felizes os vossos ouvidos porque ouvem!*



**XV Domingo  
do Tempo Comum  
Ano A  
12 de julho de 2020**

### I Leitura

Is 55, 10-11

«A chuva faz a terra produzir»

#### Leitura do Livro de Isaías

Eis o que diz o Senhor:

«Assim como a chuva e a neve que descem do céu não voltam para lá sem terem regado a terra, sem a terem fecundado e feito produzir, para que dê a semente ao semeador e o pão para comer, assim a palavra que sai da minha boca não volta sem ter produzido o seu efeito, sem ter cumprido a minha vontade, sem ter realizado a sua missão».

### Salmo Responsarial

Salmo 64(65)

*A semente caiu em boa terra e deu muito fruto.*

### II Leitura

Rom 8, 18-23

«As criaturas esperam a revelação dos filhos de Deus»

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos:

Eu penso que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que se há-de manifestar em nós.

Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus.

Elas estão sujeitas à vã situação do mundo, não por sua vontade, mas por vontade d'Aquele que as submeteu, com a esperança de que as mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que escraviza, para receberem a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade. E não só ela, mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adopção filial e a libertação do nosso corpo.

### Aleluia

cf. Mt 11, 25

A semente é a palavra de Deus e o semeador é Cristo. Quem O encontra viverá eternamente.

### Evangelho

Mt 13, 1-9

«Saiu o semeador a semear»

#### Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele dia,

Jesus saiu de casa e foi sentar-se à beira-mar. Reuniu-se à sua volta tão grande multidão que teve de subir para um barco e sentar-se, enquanto a multidão ficava na margem.

Disse muitas coisas em parábolas, nestes termos:

«Saiu o semeador a semear. Quando semeava, caíram algumas sementes ao longo do caminho: vieram as aves e comeram-nas. Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra, e logo nasceram, porque a terra era pouco profunda; mas depois de nascer o sol, queimaram-se e secaram, por não terem raiz.

Outras caíram entre espinhos, e os espinhos cresceram e afogaram-nas. Outras caíram em boa terra e deram fruto:

umas, cem; outras, sessenta; outras, trinta por um. Quem tem ouvidos, oiça».

### Sugestões de Cânticos

#### ENTRADA

Eu venho, Senhor, à vossa presença, CNL, 457

#### SALMO RESPONSORIAL

A semente caiu em boa terra - M.Luis, SR,136

#### CÂNTICO DA COMUNHÃO

A semente é a Palavra de Deus – M. Luis, CNL,154; CEC II, 79

Jesus tu és semente, tu és Pão – A. Cartageno, CNL, 567

Siglas: CNL – Cantoral Nacional para a Liturgia, livro de bolso; SR – Salmos Responsoriais; CEC II – Cânticos de Entrada e Comunhão II, (livro verde)

# DIOCESE DE BEJA

## Celebra a Festa dos 250 anos da sua

### BREVE AGRUM UNIVERSALIS ECCLESIAE CLEMENTE PAPA XIV Para perpétua memória

Na Petição dirigida por D. José, rei de Portugal para a ereção de um Bispado, depois de se referir às dificuldades na prestação do “auxílio nas necessidades espirituais” e no cumprimento do “múnus pastoral”, por parte do Arcebispo de Évora, devido à **grande extensão da “diocese metropolitana”**, o rei designou “uma ilustre povoação (cidade de Beja) e duas comarcas (Beja e Ourique) com muitos benefícios, para se constituir uma nova diocese”.

Em resposta, o Papa Clemente XIV, concedeu a ereção pedida, aplicando **algumas reservas ou cautelas**: capital na cidade de Beja, Igreja Catedral, “com todos os privilégios e prerrogativas correspondentes”, estabelecimento do “Palácio Episcopal”, cabido próprio, com direito a “promulgar es-tatutos e constituições, segundo as orientações do concílio de Trento e de outras constituições apostólicas”.

### Aplicação da Bula Papal

Normalmente, pouco ou nada muda automaticamente por decreto ou determinação superior, uma vez que todas as mudanças encontram fortes resistências, implicam sofrimentos e aguardam um “lento e doloroso caminhar”, principalmente para aqueles que abraçam as causas e assumem a responsabilidade de levar em frente as necessárias reformas.

Pela Bula de Clemente XIV, *Agrum Universalis Ecclesiae*, Beja alcança novamente a sua autonomia como Diocese, tendo então como seu Bispo D. Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas (1770-1802). Gonçalves Serpa não nos deixa quaisquer dúvidas quanto ao panorama desolador que continuou, apesar da esperança suscitada com a criação do novo Bispado, em 1770:

«Foi uma grande hora de espe-



D. José do Patrocínio Dias

rança, mas esperança que não correspondeu à expectativa.

O primeiro bispo do novo período foi D. Fr. Manuel do Cenáculo. Este nomeado, embora em 1770, deixou-se ficar em Lisboa, junto da Corte, até 1777, ano em que morreu El Rei D. José e o Marquês caiu do poder.

Praticamente foram sete anos de Sé vacante. Durante estes anos não se ordenou nenhum sacerdote para a Diocese de Beja.

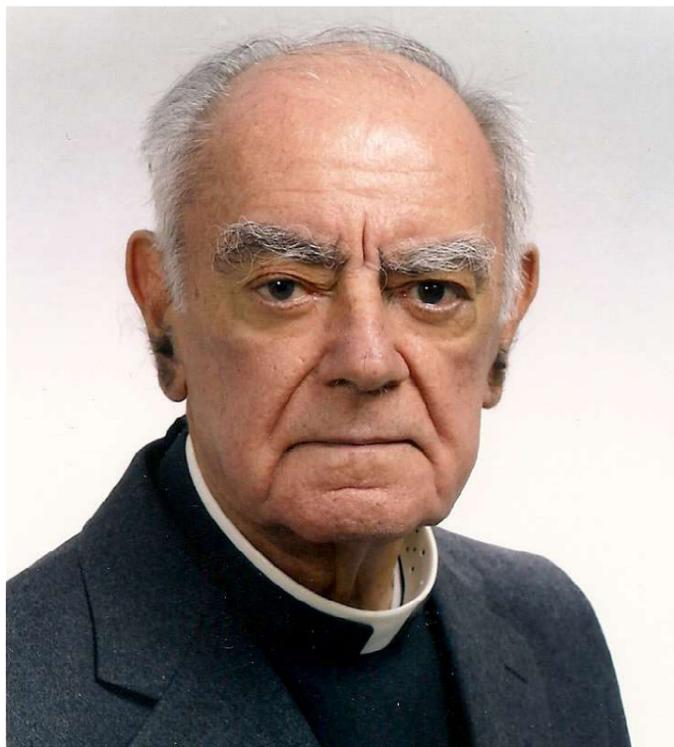
Fr. Cenáculo foi transferido para a Sé de Évora em 1802.

Começou então uma série de bispos relâmpagos que se sucediam com dois, três anos de intervalo. Assim: D. Francisco Leitão (1802-1806); D. Joaquim do Rosário (1807-1808); de 1808 até 1819 esteve a Sé vacante; D. José da Mata (1859-1860); D. António da Trindade Vasconcelos (1861-1863). De 1863 a 1883 esteve a Sé vaga mais vinte anos; de 1910 a 1920, embora vivesse o Bispo D. Sebastião de Vasconcelos, ele estava exilado em Roma e a cátedra estava praticamente sem pastor, pois a Santa Sé havia confiado a administração desta Diocese ao prelado de Évora, D. Augusto Eduardo Nunes. Destes números tira-se uma conclusão lamentável: de 1770 a 1920 mediam centos e cinquenta anos. Pois neste espaço de tempo a Sé Pacense esteve vaga cinquenta anos. Mais ainda: de 754, termo

do período visigótico, a 1920, termo do período da restauração, mediam mil cento e sessenta e seis anos; pois em tão largo espaço de tempo a Sé pacense teve assistência regular apenas cem anos!...» (Canção da Planície)

Paralelamente, os maus funcionários, e também os Sacerdotes das outras Dioceses com uma vida moral ou disciplinar pouco recomendável eram enviados,

como castigo, para as Dioceses de Évora e Beja, de tal modo que o Alentejo se tornou na terra do isolamento, desterro ou inferno para os não desejados e *mal comportados*, terra de infortúnio e de maldição para as suas populações. Os longos interregnos nas nomeações dos seus Bispos residenciais proporcionaram débil assistência pastoral, aumento da ignorância no respeitante a verdades religiosas, fortes campanhas de calúnias e insultos contra a Igreja e consequente descristianização dos modos de sentir, pensar e agir por parte das populações e do próprio clero. As dificuldades de comunicação entre populações dispersas, o contexto social e político marcado pela revolução levada a cabo pelo Marquês do Pombal, pela maçonaria-liberal e republicana, ideologias hostis à acção da Igreja, e a extinção de todas as ordens religiosas não permitiram mais que um mínimo de organização eclesial, uma evangelização muito deficiente, a perda do ritmo da vida Sacramental e o potenciar de um ambiente extremamente anti-clerical e anti-religioso.



D. Manuel Falcão

Em 5 de Fevereiro de 1922, D. José do Patrocínio Dias foi recebido com hostilidade numa Diocese profundamente desorganizada e viveu a experiência daquele que tem que começar tudo de novo, pois “passara o furacão da impiedade e atrás de si só ficaram destroços, desolação, miséria, aspetos de morte”. Com a ajuda de famílias abastadas, foi aberto em Serpa o Seminário menor em 1925 que, também com a colaboração por parte do Estado a partir de 1926, passou para Beja, em 1940, em edifício construído de raiz. Reconstruíram-se os templos e, sobretudo nas Missões Populares de 1945, procurou-se ir junto dos que viviam afastados da prática religiosa e levá-los a baptizar, casar e pedir o funeral religioso, práticas já habituais na década de setenta, para grande parte da população.

À aceitação da resignação de D. Manuel dos Santos Rocha, por limite de idade, seguiu-se a entrada solene na Sé de Beja de D. Manuel Franco Falcão, como *Bispo Residencial*, no dia um de Outubro de 1980, tendo-se mantido à frente da Diocese até ao dia 25 de Janeiro de 1999. Como preocupações principais de D. Manuel Falcão, é de salientar: a evangelização por meio das Missões Populares de 15 dias, seguidos da Visita Pastoral, acompanhamento do clero sobretudo nas reuniões Arciprestais, Planificação Pastoral a curto e médio prazo, definição da situação canónico-jurídica das Instituições de Solidariedade Social da Igreja, Peregrinações Diocesanas a Fátima (em ritmo trienal), visitas anuais às Comunidades Religiosas ao serviço da Diocese, etc. D. António Vitalino Fernandes Dantas e D. João Marcos (atual Bispo) encontraram uma Diocese com uma longa história de vida atribulada, onde continua bem presente o lento despertar para os novos condicionalismos culturais, bem como a difícil reconversão pastoral da Igreja, como modo de responder às próprias exigências conciliares de mudança.

# BEJA

## a Restauração



D. António Vitalino

### Rumo ao futuro

Apesar dos esforços já realizados em favor da renovação dos agentes de pastoral, da planificação a curto e médio prazo e da coordenação de atividades, devemos assumir com humildade as dificuldades que ainda temos no reencontrar de novos equilíbrios e prepararmos a ação pastoral do presente e do futuro próximo, à luz da experiência da Igreja, do que estamos dispostos a fazer e as forças humanas no-lo permitir, confiantes de que vale a pena tudo sacrificar com alegria pelo «Reino de Deus» que germina, cresce e produz seu efeito

como a semente lançada à terra, o grão de mostarda ou o fermento lançado na massa.

Atentos às circunstâncias históricas de uma Diocese menosprezada e esquecida não devemos contudo esquecer que devemos ser portadores de uma mensagem religiosa da parte de Deus, apresentando uma proposta fascinante de esperança e salvação. Hoje continua a ser necessário anunciar e dar testemunho do Deus vivo e verdadeiro, presente e comprometido com cada pessoa, na sociedade humana e na sua história e cultura concretas.



D. João Marcos

## VILA NOVA DE MILFONTES CELEBROU AS BODAS DE PRATA SACERDOTAIS DO SEU PÁROCO

### Agradecimentos



Neste dia de acção de graças quero expressar perante vós o mesmo louvor que o Salmista cantou ao Altíssimo: “*Louvarei para sempre o vosso nome, Senhor, meu Deus e meu Rei*”.

Passaram já 25 anos de sacerdócio e neste quarto de século de múnus sacerdotal tenho bem presentes as palavras bíblicas da pajela da ordenação sacerdotal (02-07-1995), uma citação bíblica significativa para mim e muitas vezes concretizada na minha vida sacerdotal, daí o facto de a tornar a imprimir na pajela com o mesmo ícone da imagem da Santíssima Trindade, comemorativa dos 25 anos de sacerdócio (02-07-2020): “*Apoia-te em Deus em tudo o que emprenderes e Ele te mostrará como deves agir*” (Prov. 3,6).

Olhando hoje para este tempo que Deus me deu a graça de viver, tenho de expressar um sentimento de gratidão, pois ocorreram muitas alegrias, sem dúvida, mas também alguns dissabores e constrangimentos, mas quero realçar que sempre que coloquei a minha vida e o meu agir nas mãos de Deus, tudo ganhou um sentido novo, sentido este, que nem sempre consegui interpretar nesses momentos em que os factos ocorreram, pois por vezes só passado algum tempo os compreendi na sua plenitude, e assim fui descobrindo que os desígnios de Deus nem sempre são compreensíveis no imediato como humanamente muitas vezes desejamos. Mas tudo ganha um sentido novo quando colocamos a nossa vida nas mãos de Deus, disso não tenho hoje qualquer dúvida. O importante na nossa missão sacerdotal é lançar a semente à terra, a colheita, essa poderá ser feita por nós ou por outros, pois decerto que a planta a seu tempo não deixará de produzir o seu fruto.

Neste dia jubilar não poderei esquecer o saudoso Bispo, **Dom Manuel Falcão** que me ordenou sacerdote e por quem tenho uma imensa gratidão e admiração pelo pastor que foi e pelo testemunho de vida que sempre me deu enquanto seminarista e depois enquanto padre, que Deus o cumule de bênçãos na sua glória, na ressurreição dos justos. Tam-

bém uma palavra de gratidão ao seu sucessor **Dom António Vitalino** que tive como bispo durante 19 anos e com quem partilhei muitos momentos de vida sacerdotal e actualmente ao senhor **Dom João Marcos**, actual bispo desta diocese pacense, que como pastor diocesano se quis associar com a sua amizade a este meu jubileu sacerdotal neste ano também ele jubilar da nossa diocese, que comemora os 250 anos da sua restauração. Um agradecimento aos meus **colegas sacerdotes e aos diáconos** que marcaram neste dia a sua presença e aos outros que por diversos motivos não puderam estar presentes, mas que me enviaram um abraço e a certeza das suas orações, que desde já reconhecidamente agradeço. Um agradecimento especial aos meus **familiares e amigos** que sempre me acompanharam de perto durante este tempo e a quem agradeço a sua amizade e a sua presença, assim como aos paroquianos das diversas paró-

quias que ao longo deste tempo tive a graça de paroiar e que foram capazes de discernir as minhas poucas qualidades e os meus muitos defeitos, pois eles tiveram decerto a oportunidade de se santificar e ganhar o céu, pois sei que nem sempre fui um bom exemplo de bom pastor e se lhes dei essa oportunidade de com os meus pecados se santificarem, então já valeu a pena este tempo comigo vivido. Obrigado pela vossa compreensão, pela vossa presença e pela vossa amizade.

Quero terminar estas minhas palavras com uma citação do Evangelho que hoje escutámos, pois neste dia ela tem um sentido expressivo e sempre novo: “*Vinde a mim, todos vós que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e a minha carga é leve*”.

**Pe. João Paulo dos Santos Bernardino**

Memória da Primeira Evangelização na celebração dos 250 anos da Restauração da Diocese de Beja

## BISPOS DO PERÍODO VISIGÓTICO

António Aparício

### 3 – PALMÁCIO (579)

O Rei Leovigildo que governou a Espanha pelos anos de 583 da nossa era, como ariano que era, infligiu a mais dura perseguição aos católicos e bispos da Lusitânia, depondo *Pantardo* arcebispo de Braga; *Constâncio* bispo do Porto; *Mitigio* de Lugo; *Neofilo* de Tuy; e *Remixol* de Viseu. Leva a sua crueldade ao ponto de matar o seu próprio filho e herdeiro *Ermenegildo*, que se havia convertido ao catolicismo. Mas no leito da morte, recomendou ao seu segundo filho *Recaredo*, nascido do casamento com a Rainha Teodora, Irmã dos Santos *Isidoro* e *Leandro* Arcebispo de Sevilha e de *Fulgêncio* Bispo de Cartagena, que levantasse o desterro a seu tio, o Arcebispo *S. Leandro* e que em tudo se governasse pelos seus concelhos e pelos do outro tio *S. Fulgêncio*. Obediente à última vontade do pai, entregou-se aos cuidados dos seus tios Santos,

que o educaram com todo o esmero, na fé da Igreja Católica. Reconheceu os erros e desvios doutrinários do Arianismo em que até ali havia vivido e foi tomando consciência do amor e paz que lhe advinha da verdadeira religião. No quarto ano do seu reinado, aconselhado por seu tio *S. Leandro*, convocou para a cidade de Toledo um Concílio Nacional de toda a Espanha, para o qual convoca os Bispos e Arcebispos de todas as Províncias. Palmácio que governava o Bispado Pacense, comparece, solícito, em nome da verdade, da fé e da paz, juntamente com os Bispos de Mérida, Braga e seu coadjutor, de Viseu, de Lisboa, do Porto, de Ossonoba, de Lamego e de Dume, em número de setenta e dois, entre os quais cinco metropolitanos. Era o dia cinco de Maio de 589. O Rei *Recaredo* falou aos congregados aos quais expôs o seu intento e desejo de extinção do Arianismo. O intento do Rei foi aclamado e aprovado por unanimidade, com propostas

de regozijo, fidelidade e leal colaboração. Presidiu *S. Leandro*, Tio de *Recaredo* e *Mauzón*, Arcebispo de Mérida. O Rei não só dignificou o Concílio com a sua presença, mas também com uma pública e solene confissão de fé: na Santa Igreja Católica Romana, segundo as determinações dos santos quatro Concílios Gerais de Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedónia. A Rainha *Badda*, sua mulher, seguiu o exemplo do marido na pública profissão de fé católica<sup>1</sup>.

*Palmácio*, Bispo Pacense, foi o décimo a assinar as atas do Concílio Toledano III, em Maio de 589. Aproveitando as circunstâncias favoráveis, foi um acérrimo defensor da fé católica, contra o arianismo e suas consequências na desmoralização dos costumes e desorganização da disciplina, ele que sofreu dura perseguição da parte de *Leovigildo*, ariano fundamentalista e despótico. Possivelmente esteve à frente da diocese Pacense desde 566 a algum tempo depois

da conversão de *Ricaredo*, no ano de 589.

### 4 – LAURO (595)

No ano de 597, duodécimo do seu reinado, *Ricaredo* juntou em Toledo alguns Prelados, treze segundo uns ou dezasseis, segundo outros, para um concílio particular, para por fim a certos abusos, nomeadamente o referente ao celibato dos padres. Seriam condenados a uma dura prisão aqueles que claudicassem. Da diocese de Beja teria estado presente o bispo *Lauro*. Não sabemos em que ano, nem donde era natural. A sua existência é posta em dúvida por muitos historiadores. Este IV Concílio Toledano teria sido no ano de 597.<sup>2</sup>

### 5 – MODÁRIO (610)

Desde o Concílio Nacional de Toledo, promovido pelo Rei *Recaredo* em 589, até 633, ano da realização do IV Concílio Nacional daquela cidade, durante 34 anos, não conhecemos qualquer referência histórica aos Bispos da

nossa cidade. O Rei *Sisenando*, sucedeu a *Sintila*, segundo filho do famoso *Rei Ricaredo*, por jogos de poder despóticos e tiranos. Para cobrir esta nota e nódoa de injusta usurpação do poder, resolve convocar um Concílio para Toledo, o IV, para obviar a muitas coisas que precisavam reforma, «especialmente no Corpo Eclesiástico». Juntaram-se 72 Prelados, e oito Procuradores de outros que não puderam ir. De Beja, tomou parte *Modário* «que governava a Igreja de Beja e nos persuadimos que seria sucessor de *Lauro*. Era o dia 5 de dezembro do ano de 633, terceiro do Reinado de *Sisenando*. O Rei posto de joelhos com muitas e humildes súplicas para que pedissem a Deus por ele. Expôs qual era o fim para que tinham sido chamados, tudo fundado na reforma eclesial, pela que pertencia à disciplina e costumes em que eles deviam pôr todo o cuidado. Presidiu *S. Isidoro*, Arcebispo de Sevilha; e se fizeram setenta e cinco cânones mui proveitosos e importantes.

## Tendências sexistas...a corrigir



Sílvio Couto

Num programa televisivo com alguma audiência – a crer naquilo que dizem de si mesmos – uma concorrente disse ‘tout court’: quero os homens todos fora da casa... entenda-se do programa! Se a frase mudasse de sujeito, isto é, se tivesse sido um homem a dizer aquilo sobre as mulheres, qual teria sido a reação? No mínimo diriam que era machismo... e logo se criaria um alarido de chinfrineira... à carte. Mas como foi dito por uma mulher concorrente brasileira, não vi a mínima reação ou rejeição... ficando tudo impávido e sereno, na cumplicidade!

Noutras circunstâncias o ‘grande

irmão’ fez soar a sua altissonante posição ameaçando, castigando e expulsando. Por agora a censura não se pronunciou. Será que concorda com o que foi dito ou não esteve atento à discriminação semeada? Haverá clichés que não passam pelo crivo de certos lóbis, enquanto outras atitudes são julgadas de forma implacável? Até onde irá alguma da tendência encapotada de defesa das mulheres, quando elas ofendem os homens e ninguém ousa pronunciar-se?

= É notório que no último século se deu uma mudança do reconhecimento da função/papel da mulher na sociedade ocidental. Ainda bem que tal se verifica, pois o processo está em marcha e ainda faltam muitos degraus para a verdadeira igualdade na diferença e diferenciação no igualitarismo.

Através de múltiplas iniciativas se foi caminhando para uma maior assunção de direitos e de deveres entre homens e mulheres. Por vezes certas lutas tornaram-se de

consequências pouco correlativas às causas, dado que algumas forças ideológicas em vez da emancipação da mulher foram criando estereótipos construídos na imitação do masculino. E nem as poucas mulheres que ascenderam ao poder – no governo geral (pasmem-se em Portugal só houve uma mulher a gerir um governo), nas autarquias (poucas sublimaram as resistências partidárias) ou mesmo nas empresas (muito poucas conseguiram vingar no campo da gestão ou nas tarefas de maior visibilidade) – conseguiram colmatar a mistura com situações a roçar quase a miséria senão moral ao menos económica de tantas mulheres com qualidade humana, social, cultural e mesmo espiritual.

= Há ainda demasiadas questões em aberto, algumas delas com apreensão quanto ao seu desenvolvimento, na medida em que não basta dizer que não há obstáculos para que estes se diluam por arte mágica. Em quase todas

as áreas de atividade as mulheres têm acesso, seja de forma ativa/profissional, seja pelo modo tácito de serem mulheres com ação num campo muito específico. Em razão do espaço de atividade em que me situo, gostaria de deixar algumas questões/sugestões sobre o modo como a mulher pode e deve estar/participar, viver/sentir e testemunhar a sua função na Igreja católica.

- Fique claro que mulher e homem batizados têm os mesmos direitos e deveres na Igreja, inerentes ao seu sacerdócio baptismal, mas também em razão das funções real e profética. Por isso, não há óntica e teologicamente qualquer discriminação por seu homem ou ser mulher. Com efeito, que seriam de tantos dos serviços – dos mais simples aos mais complexos – na Igreja se, um dia, por hipótese, as mulheres fizessem uma ‘greve de zelo’? A dedicação silenciosa e cuidada nas igrejas-templos mostram como elas são importantes na Igreja-comunidade. E nem o condicionamento no acesso ao

exercício do ministério ordenado as menospreza, antes nos dá a noção da sua importância eclesial. Com efeito, não será o não-exercício do múnus eclesial que diminuirá o papel das mulheres na vida da Igreja católica.

- É um facto que a inserção das mulheres nos serviços litúrgicos tem vindo a evoluir sem grandes saltos nem solavancos. Na verdade, se repararmos, nas últimas três décadas, quantas mulheres foram instituídas como ‘ministros extraordinários da comunhão’. Como diz um teólogo francês: a Igreja não aprova, põe à prova... e prestadas as provas virá a aprovação!

- Há, no entanto, cuidados redobrados a tomar, pois a falta de sacristães (homens) nas paróquias não deveria servir para deixar à solta franjas que poderão feminizar em excesso a Igreja e quanto a ela se refere. Como se diz de certos adolescentes em maré de afirmação: temos de vigiar para que não haja uma espécie de eucaliptização da vida religiosa nas paróquias e similares... Todos somos precisos, mas ninguém é imprescindível!



## Atividade operacional semanal

O Comando Territorial de Beja, para além da sua atividade diária, levou a efeito um conjunto de operações, no distrito de Beja, na semana de 29 de junho a 5 de julho, que visaram a prevenção e o combate à criminalidade violenta, fiscalização rodoviária, entre outras, registando-se os seguintes dados operacionais:

**1. Detenções:** Três detidos em flagrante delito, destacando-se dois por condução sob o efeito

do álcool.

**2. Apreensões:** Seis doses de haxixe.

**3. Trânsito:**

**Fiscalização:** 162 infrações detetadas, destacando-se: Seis por condução com taxa de álcool no sangue superior ao permitido por lei; cinco por falta ou incorreta utilização do cinto de segurança e/ou sistema de retenção para crianças; três por falta de seguro de responsabilidade civil obri-

gatório; três por uso indevido do telemóvel no exercício da condução.

**Sinistralidade:** 38 acidentes registados destacando-se: Quatro feridos graves e cinco feridos leves.

- **Fiscalização Geral:** 19 autos de contraordenação, destacando-se: 14 no âmbito da legislação da proteção da natureza e do ambiente e cinco no âmbito da legislação policial.

## Resgate de Cegonha Branca em Aljustrel



O Comando Territorial de Beja, através do Núcleo de Proteção Ambiental (NPA) de Aljustrel, durante a manhã de hoje, 6 de julho, recuperou uma cegonha branca juvenil, Ciconia Ciconia, no concelho de Ourique.

A cegonha foi encontrada por um popular que fez a sua entrega no Posto Territorial de Ourique. Os militares do NPA de Aljustrel recuperaram a ave que apresentava ferimentos na asa esquerda, procedendo ao seu resgate. A ave foi encaminhada para o centro de recuperação do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).



## SUMULA SEMANAL

O Comando Distrital de Beja da PSP (CD Beja), no âmbito das suas competências de prevenção e combate permanente à prática de ilícitos criminais e contraordenacionais, no período de 26 JUN a 02JUL2020, na sua área de jurisdição, registou e destaca os seguintes resultados operacionais:

- **Detenção de 1 pessoa, de 53 anos de idade, por suspeita da prática do crime de resistência e coação a agente de Autoridade;**  
- **Detenção de 1 pessoa, de 36 anos de idade, por condução de veículo automóvel sob o efeito do álcool, tendo acusado uma TAS**

de 2,77 g/l;

- **Detenção de 1 pessoa, de 63 anos de idade, por condução de veículo automóvel sob o efeito do álcool, tendo acusado uma TAS de 2,04 g/l;**

**Operações de Fiscalização:**

- **1 Operação de Fiscalização Rodoviária, em Beja, com recurso a Radar, que contabilizou 1526 veículos controlados, com a deteção de 21 infrações;**  
- **22 Operações de Fiscalização Rodoviária, enquadradas na Atividade Operacional de CD Beja e no Plano Nacional de Fiscalização, que contabilizam:**

- **251 Veículos fiscalizados;**  
- **211 Condutores submetidos ao teste de alcoolémia;**  
- **40 infrações detetadas.**

**Acidentes rodoviários:**

- Em Beja e Moura, registaram-se **7 acidentes rodoviários**, dos quais só resultaram danos materiais.

**Ações preventivas / de sensibilização e outras:**

- O Núcleo de Armas e Explosivos do CD Beja, nas suas instalações e no período em apreço, procedeu à **recolha de 09 armas de fogo**, perdidas a favor do Estado.

## Parque da Vila foi inaugurado em Beringel



Já foi inaugurado no parque da Vila, em Beringel, o mobiliário urbano produzido com plástico reciclado, num contexto de economia circular, oferecido para Empresa Municipal de Água e Saneamento de Beja como prémio pela vitória da Junta de Freguesia de Beringel na Iniciativa de Participação Pública, Categoria Comunidade, promovida pela EMAS. Esta inauguração contou com a presença de Rui Marreiros, administrador executivo da EMAS, Paulo Arsénio, presidente da Câmara Municipal de Beja e dos seus vereadores Marisa Saturnino e Arlindo Morais, assim como do executivo da Junta de Freguesia de Beringel, liderado por Vítor Besugo.

O comunicado da Junta de Freguesia de Beringel refere, ainda, que “no primeiro dia de julho abriu, também, ao público o Bar do Parque da Vila, que sofreu recentemente obras de requalificação, assim como todo o espaço envolvente do Parque, tornando este num dos espaços de lazer mais acolhedores do concelho, pela beleza do pôr-do-sol que se pode observar desde aqui, tendo como pano de fundo as águas da barragem do Pisão”.

**Somefe**  
ÉVORA

O seu parceiro em  
**infra-estruturas**  
do sub-solo

Telecomunicações, Electricidade  
Gás, Águas, Esgotos, Pluviais

SOMEFE - Sociedade de Metais e Fundição, Lda.  
Rua Circular Poente, 17 - PITE - Apartado 31  
7006-801 ÉVORA - PORTUGAL  
Tel (+351) 266 750 250 • Fax (+351) 266 750 251  
somefe@somefe.pt • www.somefe.pt

**NB** **Notícias de Beja** **9 JULHO 2020**

Propriedade da Diocese de Beja  
Contribuinte N.º 501 182 446

**Diretor: António Novais Pereira**  
Redação e Administração:  
Rua Abel Viana, 2 - 7800-440 Beja  
Telef. 284 322 268  
E-mail: noticiasdebeja@mail.telepac.pt

Assinatura 35 Euros anuais c/IVA  
**IBAN PT50 0010 0000 3641 8210 0013 0**

Impressão:  
Gráfica do Diário do Minho  
Rua de Santa Margarida, n.º 4-A - 4710-306 Braga

Registo  
N.º 102 028

Depósito Legal  
N.º 1961/83

Editado em  
Portugal

Tiragem  
1.500

## Novas regras no próximo ano letivo. Menos férias, aulas presenciais e à distância e computadores para todos

O próximo ano letivo vai ter menos dias de férias e mais dias de aulas para os alunos que não tenham exames. Os alunos terão aulas presenciais e aulas à distância e o ministro da Educação promete computadores para todos os professores e alunos do Ensino público.

O novo ano escolar, que vai terminar a 30 de junho, vai ter menos cinco dias de férias na Páscoa e e vai ser mais longo para os alunos do Pré-Escolar, 1.º e 2.º ciclos, anunciou esta sexta-feira o ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues.

No caso dos anos em que existem provas nacionais (9.º, 11.º e 12.º anos), as aulas terminam a 9 de Junho, de modo a evitar adiamentos no calendário de exames. Para os alunos do 7.º, 8.º e 10.º ano, as aulas terminam duas semanas antes.

Segundo as medidas apresentadas pelo governante, o próximo ano escolar vai ter mais dias de aulas, devido a um encurtamento das férias da Páscoa e a um terceiro período mais longo. O regresso às escolas será entre 14 e 17 de setembro e o uso da máscara continua a ser obrigatório.

O número de dias de aulas vai aumentar “para os anos de escolaridade que não estão sujeitos a exame”, salientou Tiago Brandão Rodrigues. O objectivo, segundo o ministro, é dar tempo às escolas para recuperarem as aprendizagens que possam ter sido prejudicadas pela suspensão das aulas presenciais durante a pandemia.

De acordo com a Rádio Renascença, o Ministério preparou três cenários distintos para o ano de 2020/2021: regime presencial, misto e não presencial. O objetivo será cobrir todas as hipóteses que podem vir a ser necessárias tendo em conta a evolução da pandemia em Portugal.

O regime presencial é a primeira opção de preferência, caso haja condições. Para este regime, as escolas terão uma capacidade de “gestão mais flexível dos horários, dos espaços escolares e dos créditos horários”, revelou ainda o ministro da Educação.

“O cenário regra é o ensino presencial, com que vamos começar o próximo ano lectivo e que é o que todos desejamos. Só passaremos a um regime misto — que compagina a escola presencial com sessões síncronas [aulas online] ou até de trabalho autónomo — ou a um regime não presencial se as autoridades de saúde nos disserem que é preciso fazê-lo num determinado território ou em todo o país”, reforça Tiago Brandão Rodrigues em entrevista ao Expresso.

A diminuição de estudantes por turma não está prevista porque “é impossível multiplicar por dois a capacidade das escolas ou o corpo docente de forma a reduzir cada turma para metade”, explica o ministro.

“Se possível”, os alunos devem sentar-se a um metro de distância. No regresso às aulas presenciais do 11.º e 12.º, recorda-se, a distância era de 1,5 metros.

## Não praticantes e o covid-19

Há uns tempos um amigo dizia diante do grupo, com certa satisfação, que era um católico não praticante. É isso, o coronavírus veio multiplicar os não praticantes de quase tudo. Os estudantes foram obrigados a ficar em casa e a não praticar a escola. Escolas fechadas. Muitos trabalhadores ficaram não praticantes, em *layoff*. O meu e muitos médicos não praticantes fecharam os consultórios. E esta! Sem precisar de covid-19, um marido divorciado passou a não praticante, desabafou a vizinha. E o que serão as casadas sem filhos, mães não praticantes? O covid-19 deixou os futebolistas e seus fãs não praticantes. Aquele, acima, será um daqueles a quem o *coronavírus* fechou a igreja lá na terra? Muitos, de facto, passaram para a religião dos não praticantes de missa, oração, comunhão. Serão também não praticantes da fé em Jesus Cristo? Alguns ficam meio praticantes e meio não praticantes, mesmo agora com as igrejas abertas: missa, a da televisão, as orações, as que os outros fazem por ele. Mais afetados do vírus temos os trabalhadores não praticantes de emprego e de salário no fim do mês e, talvez, de muitas refeições. Sai-se à noite pelas cidades e vem o choque dos não praticantes de dormir numa cama e ter casa. Nem faltam por aí crianças não praticantes de pai e mãe. Uma tristeza! Os ateus serão grupo de não praticantes de Deus ou praticantes da crença de que ele não existe? Ao passo que os agnósticos

são não praticantes até do pensar em Deus? Noutro dia, numa cidade, alguns não praticantes da calamidade passeavam aos magotes, sem máscara; e outros, sem manterem as regras das distâncias, na festa da farra, noite dentro. E alguns a lamentarem-se de praticar a infeção do contágio e estarem em quarentena! A TV mostrou há pouco um grupo enorme de não praticantes, sem pátria a viver miseravelmente num campo de refugiados. Dava pena ouvir as suas lamentações de apátridas. Outros lamentavam-se de não praticarem a praia, o bar, restaurante, mercados e lojas. Haverá, agora, alguns não praticantes de *binge drinking* (5-6 copos de vinho ou cervejas por ocasião). Um dos grupos de muitos não praticantes do Pai Nosso, são os que andam de boca cheia de fraternidade universal, mas não aceitam nem reconhecem o Pai de todos. Alguns pensam, e às vezes dizem aos amigos: eu, irmão daqueles!? Os racistas são o quê? Não praticantes de fraternidade com os de pele diferente. Ele, meu irmão? O relativismo extremo, do tanto faz, gera muitos não praticantes da verdade e do sentido da vida. E os ignorantes entram no grupo dos não praticantes da ciência. O barómetro do bem comum revela os não praticantes da bondade, generosidade e integridade moral. Nos surtos de infeção, os testes que dão negativo distinguem os infetados dos não praticantes da tosse e dispneias respiratórias. Não

faltam aqueles, em que me incluo, que desejam ser não praticantes da violência familiar e social, do egoísmo e da corrupção. O melhor é passar de não praticantes do bem, da vida de fé cristã para praticantes, convertidos e santos. No dia 3 celebra-se a festa de S. Tomé, um praticante da fé em Cristo que teimou ficar não praticante por melindre, quase amuo, de Jesus ressuscitado não se ter mostrado a ele como fez com os companheiros. Para que muitos não praticantes católicos não fiquem nesse estado de amuo com Jesus Cristo, Ele veio mostrar-se a Tomé e pedir que tocasse, visse, acreditasse e se convertesse. Afinal acreditou por evidência, mas Jesus, para nós deixou claro que é melhor acreditar, sem ver, só por fé na palavra credível dos que viram e testemunharam com a vida. Tomé nem reparou que ver não é acreditar. Quem vê verifica cientificamente. Quando Jesus lhe apareceu oito dias depois, disse: mete aqui o dedo (na chaga) e acredita porque pedia que a sua fé fosse além do que via: E Tomé foi e passou de novo de não praticante a praticante e deixou de ser apóstata incrédulo, ao excluir: meu Senhor e meu Deus. E mais tarde foi evangelizar a Índia onde foi mártir e onde tem uma bela catedral em Madrastra (Chenay) com lista dos seus bispos desde a fundação até cerca de 1950; todos portugueses!

Aires Gameiro

## 5 formas de ajudar o “Notícias de Beja”

1. Pague a assinatura do jornal atempadamente.
2. Faça publicidade no “Notícias de Beja”. Tem uma empresa ou responsabilidade na gestão de algum negócio? Anuncie no “Notícias de Beja”. Como temos pouca publicidade, cada anúncio obtém mais visibilidade.
3. Ofereça uma assinatura. É uma prenda que não é cara (35 euros). E dura pelo menos um ano. E quem a recebe vai lembrar-se de si pelo menos uma vez por semana. Grande prenda!
4. Proponha o nosso jornal a um amigo. Se gosta do jornal (podemos presumir que sim, porque recebemos elogios com alguma frequência), proponha-o a um amigo. Depois de o ler ofereça a alguém. Um amigo do jornal encontra outro amigo
5. Ajude a divulgar o jornal passando pelo facebook e partilhando nas redes sociais capas e algumas notícias que lá vamos pondo.

